

6 Enfim...

A escritura da tese demandou um vasto trabalho de pesquisa, um tempo de dedicação a buscas sem certezas prévias e sem restrições ao que se poderia encontrar. Desta liberdade derivou a possibilidade de pensar e agir em comunhão... pensar e escrever em plena harmonia com aquilo que entendi ser relevante. Houve limites, é claro. Houve incertezas, é óbvio. Houve dúvidas, é necessário.

Porém, foi mais determinado o desejo de unir o acadêmico – às vezes tido como impessoal – com a pessoa que desenha as linhas de cada página, atar a pesquisa à vida daquele que durante quatro anos fez da pesquisa a vida numa procura por diferentes caminhos que conduziam ao saber. Um saber que se fez a cada dia, a cada instante em que o final parecia distante, o início vacilante e o meio perdido entre as pontas de cada lado da ponte que precisava atravessar... muitas vezes para partir e outras tantas para regressar e reunir os dois lados sem os quais perderia o elo: o início e o fim.

O início desta tese só foi possível pela existência dos exames de qualificação. No caso da PUC-Rio dois exames que me forneceram rotas e pistas para a consecução do trabalho que tinha colocado como objetivo e meta a serem alcançados. A primeira qualificação mostrou a fragilidade do texto que ora apresentava e mais do que isso apontou a complexa teia em que eu misturara o objeto de pesquisa e as fontes num trabalho que, inicialmente, pensou em estudar um periódico e acabou por encontrar no mesmo uma história institucional.

Como fazer, então, para libertar o pássaro sem abrir a redoma que o trancava? Como fazer que limites tão tênues se transformassem em fronteiras marcadas pelo olhar? Qual o olhar?

Certamente, o olhar que eu não havia utilizado, olhar o objeto cultural num entorno histórico, político, social e econômico. Foi preciso ajustar as lentes para que a separação entre o objeto e a fonte pudesse ser parte de uma operação de história sem eliminar a própria história que unia os dois. Foi preciso entender o silêncio para ouvir o diálogo, experimentar a fonte para saber o gosto do objeto.

Sei que está subjetivo, mas foi assim que vivi esta situação que durante meses me pareceu insolúvel e desanimadora pois por mais que eu buscasse

entradas para resolver a questão me deparava com saídas que abriam portas para nenhum lugar. Até o instante que resolvi refazer a leitura de todas as anotações que recolhera da qualificação. Uma palavra passara despercebida: rede. Uma rede de impressos como objeto de pesquisa e uma rede de relatórios, artigos, livros, biografias, correspondências, documentos legais, folhetos, fotografias e outra fontes que poderiam ser acionados para uma compreensão do objeto.

A qualificação II se anunciava promissora quanto ao que eu havia avançado, ao menos centímetros em relação ao que apresentara anteriormente. De fato, foi feita a limpeza no terreno das possibilidades para o encontro com o objeto e o anúncio da separação amigável do objeto com as fontes. Porém, uma questão ainda parecia difícil de ser ultrapassada: como iniciar a tese? Rumando direto para a rede de impressos? Caminhando direto em direção ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e explicando os seus objetivos, finalidades, estrutura? Entendi que não.

Precisava partir de outra paisagem, sem a idéia de regressar aos mais remotos tempos que no caso deste trabalho não se justificava. Precisava ancorar o meu discurso em outro porto que sinalizasse aos navegantes leitores de que lugar vinha a voz do texto, o autor do escrito, o candidato a pesquisador que tinha idéia para apresentar. Deste modo, a história política que foi uma sugestão da banca do exame de qualificação representou o outro porto, o outro lugar para a minha fala numa cumplicidade com a história cultural. Cumplicidade que permeou toda a feitura da tese. O meio da tese, ou seja, os capítulos estão dispostos para análises acuradas, para críticas e discordâncias de matizes diferenciadas. Mas, os cinco capítulos são testemunhos do que penso, como penso e porque penso desta forma e não diferente.

No capítulo I procurei dar uma sustentação teórica e metodológica à tese numa imbricação que trouxe à lume as fontes de pesquisa, a metodologia, a história institucional do MEC/INEP/CBPE, a história política brasileira nos anos 1950 e 1960 e as relações com a história cultural. Revelei também momentos inquietantes da pesquisa e acenei para a estrutura do trabalho e os conteúdos dos demais capítulos numa postura que entende o capítulo I como uma introdução e, ao mesmo tempo, base para a leitura dos outros capítulos. Ao terminar a escrita do capítulo percebi que ali estavam os elementos que sustentariam todos os demais numa espécie de chão-comum que utilizei como pano de fundo para o

entendimento da tese sem necessariamente explicitar tal utilização.

O capítulo II tem a sua existência ligada à seguinte questão: como estudar uma rede de impressos que procurou obter a legitimação de uma instituição sem compreender a rede de contatos que possibilitou ao diretor da referida instituição a permanência por treze anos a frente de um cargo federal disputado numa posição de funcionário comissionado por treze ministros da educação. Foi necessário um trabalho de pesquisa que procurasse entender qual a rede de sustentação que estava em operação para que isto se efetivasse.

Deste forma, em relação a trabalhos anteriores que eu havia escrito, era urgente a tarefa de redimensionar a idéia de ator-principal ou cantor-solista e pensar nas possibilidades polifônicas e na coletividade envolvida no projeto cebeplano. Avalio que o resultado final do capítulo apontou a existência de uma rede de contatos composta pelos mais diversos setores e – dentro desta rede – os contatos capitais que revelaram as relações de uma ator-sujeito-coletivo e as múltiplas janelas abertas para intervenções diretas ou indiretas nos diferentes campos como o político, o educacional e o cultural. Daí advém a relativização do peso de um personagem. Relativização necessária para se pensar o projeto de um grupo e não de um indivíduo.

Assim, Anísio Teixeira saiu do capítulo como líder de um grupo político-educativo que buscou legitimar através dos impressos um projeto de intervenção no sistema educacional brasileiro via o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e seus Centros Regionais. Portanto, uma intervenção que mais do que política – no sentido lato, utilizou também a política partidária para enfrentar as batalhas que se apresentavam. Uma participação de quadros partidários que esteve distante das páginas dos impressos, mas próxima das correspondências e das biografias dos atores envolvidos. O capítulo permitiu a emersão do tipo de politização que foi levada a termo: uma politização da educação de forma direta pelo acionamento dos quadros institucionais ligados ao CBPE e a outras instituições de caráter educacional ou científico e, de forma indireta, pelos quadros partidários presentes em agremiações de diferentes coloridos políticos.

O estudo do Boletim Mensal do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (81 números), do periódico Educação e Ciências Sociais (21 números) e da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (45 números) numa proposta de compreensão da forma de distribuição, do custo de produção, das

características gerais, da zona de intervenção e da periodicidade e tiragem de cada um dos periódicos assinalou a oportunidade de estabelecer comparações entre os impressos e daí colher inferências sobre as notícias que se duplicavam ou triplicavam nas páginas dos impressos, mesmo que sua natureza contrariasse o abrigo de determinada matéria. Inúmeras vezes o impresso Educação e Ciências Sociais acolheu artigos que estavam longe de ter relação com os resultados das pesquisas desenvolvidas no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e tantas vezes o Boletim Mensal do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais divulgou entrevistas e trechos de artigos que não estavam contemplados no plano de trabalho da comissão consultiva que criou a publicação.

Aflorou da feitura deste capítulo III a idéia de que existiu uma rede de impressos a serviço da legitimação do CBPE. Uma rede que através da multiplicação destes impressos procurou consolidar o projeto do grupo que detinha o poder institucional e pregava um ideário pedagógico que em meio a outros tentou se erigir como hegemônico. As duas fases de utilização desta rede de impressos foram analisadas nos capítulos IV e V.

A primeira fase da rede de impressos do CBPE (1957-1960) evidenciou os convênios, os acordos e as parcerias nacionais e internacionais para a sobrevivência do projeto cebepeano. No plano nacional os convênios com as universidades, com instituições de pesquisa ou secretarias estaduais de educação para a existência dos Centros Regionais de Pesquisas com acertos e desacertos, mas colocando no cenário educacional a possibilidade de pesquisas e levantamentos regionais que ofereceram subsídios para a organização ou reorganização de redes de ensino estaduais e municipais. No plano internacional acordos foram firmados com a UNESCO (principalmente) para que o CBPE fosse criado e recebesse a cooperação técnica por parte dos peritos da renomada instituição e os aportes financeiros necessários para a estruturação e funcionamento de cursos e para a execução de pesquisas.

O capítulo IV detectou um movimento pan-americano que visitas de membros do staff da UNESCO e as viagens de elementos do CBPE ao exterior ressoaram pelas páginas dos impressos como instrumentos propulsores deste movimento. O céu pan-americano foi cortado por conselhos, congressos, conferências, assembléias e uma série de intercâmbios que interferiram e que ocasionaram inflexões nos rumos do CBPE tanto no que se referiu aos

compromissos de atendimento a esta nova demanda externa quanto ao caráter de sua intervenção externa que passou a ser pautada também pelas recomendações internacionais numa busca de legitimação de dupla face: a legitimação interna como ponte para o reconhecimento externo e este mesmo reconhecimento como instrumento para alargar a legitimação no plano interno. Tais exercícios tiveram como consequência a desorganização da instituição naquilo que se refere aos seus objetivos fundacionais, a relação do CBPE com os seus Centros Regionais. Afirmo que o excesso de compromissos de cunho nacional ou internacional desafinou o conjunto de vozes que tinha como responsabilidade sustentar a orquestra num movimento de mão dupla regional-nacional que foi o grande diferencial da existência do CBPE. A segunda fase ajuda a esclarecer quais foram os descaminhos institucionais percorridos.

A segunda fase de estudo da rede de impressos cobriu os anos de 1961 a 1964 e teve como termômetros duas instituições em seus primeiros momentos de existência: o Conselho Federal de Educação e a Universidade de Brasília. O Conselho Federal de Educação dominou as páginas das publicações cebebianas e foi o meio utilizado pelo grupo liderado por Anísio Teixeira para tentar diminuir o impacto de derrotas sofridas na aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024/61) pois as regulamentações da referida lei passariam por uma apreciação minuciosa do Conselho Federal que teria também a responsabilidade de elaboração do Plano Nacional de Educação que atingiria todos os níveis de ensino e proporia um novo sistema de distribuição de recursos financeiros públicos para a educação – questões muito caras ao grupo de Teixeira e que aparecem regularmente nos três impressos que formam a rede.

A Universidade de Brasília foi um fim e o fim. Um fim a partir do momento em que as posições privilegiadas do grupo no Conselho Federal de Educação permitiram o estabelecimento de regras sobre as instituições que poderiam ser consideradas universitárias ou apenas faculdades isoladas e a aprovação de criação de novas universidades. Neste aspecto, uma análise dos pareceres do Conselho que foram divulgados pelos periódicos da rede possibilitou compreender o movimento de contenção para a criação de universidades de ambiência pública, evitando o desvio de recursos que deveriam ser carreados para a criação da universidade modelo: a Universidade de Brasília.

Foi também o fim a Universidade de Brasília. O fim de uma reunião

inédita entre educadores e cientistas sociais, entre homens e mulheres que fizeram do pensamento e ação um gesto, entre o regional e o nacional uma perspectiva de mão dupla. O fechamento da Universidade de Brasília representou também a interdição lenta e gradual – via esvaziamento de funções – do CBPE e dos Centros Regionais de Pesquisas que por desorganização interna vinham num processo de paulatina separação.

Entendo que abril de 1964 tenha sido para o grupo cebepliano um adeus às armas de grosso calibre. Um adeus às armas públicas de luta pela legitimação de um determinado projeto educacional. Assim, o front é ocupado à força por outros combatentes que não tinham como guia a mesma bandeira, que não lutaram a mesma guerra, mas que se apoderaram das posições de vanguarda para depois esvaziá-las uma a uma, pouco a pouco. Entretanto, vale lembrar sempre das batalhas anteriormente travadas, das forças destacadas e dos novos e velhos combatentes convocados para viver “tudo de novo no front”.